



Roseana Sarney
na abertura da
segunda semana
do Vamos Festejar

PAG. 4



A deputada federal Roseana Sarney ao lado do Repórter PH com duas figuras vestidas como personagens da nossa História no Convento das Mercês

Com dois encontros
festivos Luciano
Gomes celebrou seus
bem vividos 54 anos

PAG. 2



Divulgação



FRANSOUFER
mostra sua arte em
Brasília com uma
exposição que celebra mais
de cinco décadas de
trajetória como um dos
principais nomes da arte
figurativa brasileira

PAG. 7

Cuidar de alguém com Alzheimer é um desafio ensandecido. Os familiares perdem também a sua identidade, sendo confrontados com o apagão do seu ente querido. É comum se perceber desvalorizado, humilhado, rejeitado.

Afinal, você não ganha nenhuma recompensa, agradecimento, reconhecimento. O elogio, quando feito, não dura para a manhã seguinte. É um trabalho de Sísifo, de transportar a pedra para o topo da montanha e vê-la deslizar de volta para a sua origem. Não há permanência dos dados, registro, livrinho dos diálogos, mesmo os mais marcantes e sublimes.

É um monólogo, uma doação unilateral, como amar presencialmente uma ausência.

A autora argentina Julieta Correa costuma dizer que é quando as palavras viram as costas.

Estima-se que 8,5% da população brasileira com 60 anos ou mais enfrente o drama. A taxa aumenta drasticamente com a idade, indo de cerca de 2% (na faixa de 65 a 69 anos) para 36% (acima de 90 anos).

Os números, já alarmantes, são mascarados pela subnotificação. Aproximadamente 80% dos idosos com demência não possuem diagnóstico formal, devido à normalização cultural da amnésia.

ALZHEIMER

ou o desafio ensandecido de amar presencialmente uma ausência

Aqueles que fornecem apoio descrevem um tipo de luto que começa antes da morte. A pessoa conserva a aparência intacta, mas a sua mente distorce os fatos, saltea cronologicamente os acontecimentos, confunde os interlocutores e se distancia de quem era. É uma despedida sem data, sem cerimônia e sem intervalos.

Não existe mais a reciprocidade tradicional. O cuidador continua oferecendo amor, mas deixa de receber retorno.

Vigora o estresse de uma vigilância vitalícia. É preciso conferir se tomou os remédios, se fechou a porta, se saiu de casa, se caiu, se acordou de madrugada. O sono é entrecortado de sobressaltos, e o enfermeiro familiar adoece junto, com dores lombares,

hipertensão, queda da imunidade.

Mergulha-se num looping de agulha arranhada no vinil, numa adaptação desfalcada de futuro, mobilizando-se a responder a uma pergunta 20, 30, 50 vezes num só turno, repetindo dilemas de pesar e constrangimento ao explicar onde está um indivíduo que morreu décadas atrás.

É inútil apresentar documentos e fotografias, na busca desesperada de remontar o quebra-cabeça e salvar fragmentos da personalidade.

Surge a culpa por não se considerar suficiente, por não conseguir manter a calma, por sentir vontade de fugir, por pensar em uma instituição, por desejar, com todas as forças restantes, um par de horas sozinho.

Convites rareiam, romances se tornam in-

viáveis, viagens são quase impossíveis no plantão emocional, no esgotamento silencioso. Amigos se afastam, frequentemente por não saberem como colaborar. A vida encolhe até parar por completo.

O filho passa a ser pai dos pais, encarregando-se da higiene, trocando as roupas, levando a comida à boca, improvisando colo.

A parte mais difícil, no meio de tantas adversidades monstruosas, é ser repositório da agressividade. Alguns com a moléstia são paranoicos. Acusam os mais íntimos de roubo, perseguição, abandono. Recusam banho, alimentação, medicação. É um trauma ouvir insultos de um perfil anteriormente carinhoso.

Uma leitora me contou o que vem experimentando ao lado de seu pai. Ele não entende que ela é sua filha, não recorda nada. E ela me falou algo tão bonito dentro das limitações brutais da convivência: se não pode dar para o pai a alegria de ser filha, pode ainda dar para ele a alegria de ser uma visita. Se ele esquece que ela é sua filha, ela jamais esquecerá que ele é seu pai.

Uma visita muda a cor do dia. Você não tem como devolver a memória, mas tem como melhorar o presente, o instante, o agora.

O afeto talvez fique na pele, e não esmoreça com a doença nem com o tempo.



Luciano Gomes com as filhas Rafaela e Giovanna (médica) Azevedo Gomes e o genro Gustavo Cutrim

FESTA DE 54 ANOS

Empresário do setor imobiliário, Luciano Gomes reuniu a família no dia 17 de julho para comemorar em dois momentos – um almoço e um jantar – seus bem vividos 54 anos.

Além da esposa Márcia Vale e das filhas Giovanna (com Gustavo Cutrim) e Rafaela, estava presente sua “eterna sogra” (avó de seus filhos), dermatologista Yone Azevedo.

Foram duas reuniões alegres e de muito charme e simpatia num ambiente puramente familiar.



Os anfitriões Luciano Gomes e Márcia Vale



Luciano com a filha Rafaela e a “eterna sogra” Dra. Yone Azevedo



Márcia Vale e Yone Azevedo



Luciano ao lado do bolo de aniversário



Luciano deu o primeiro pedaço do bolo para a filha Giovanna



Giovanna e Gustavo Cutrim com a Dra. Yone Azevedo e Luciano



Giovanna e Rafaela com Márcia Vale



Dra. Yone Azevedo com o aniversariante

O dilema entre a razão e a emoção

A polarização política no país – e em especial no Maranhão – e o vale-tudo da disputa eleitoral que se avizinha me lembram o célebre Dilema do Bonde, questão teórica que costuma ser apresentada em cursos e debates sobre ética.

Américo Azevedo Neto, o bom cronista maranhense, lembrou certa vez que tem várias versões, mas a que recorda de suas leituras sobre o assunto é mais ou menos assim: imagine que você está dirigindo um bonde sem freios e,

no trilho à sua frente, estão cinco pessoas que você vai atropelar. Você tem a opção de mudar a direção do veículo, o que resultaria na morte de uma única pessoa que está no outro trilho. O que você faz?

Diante da opção utilitarista e matemática de que a morte de uma pessoa é mais aceitável do que a morte de cinco, a maioria de nós não hesitaria em virar a chave para que o bonde fatal atropelasse a vítima solitária.

O dilema entre a razão e a emoção...2

Mas aí os maquiavélicos formuladores da hipótese complicam a nossa vida: mesma situação, mas você está fora do bonde e percebe que poderia salvar os cinco sujeitos ameaçados se empurrasse um outro – um obeso, na proposição filosófica politicamente incorreta – que faria o veículo descarrilar, salvando os demais. Você empurraria?

Eu não, evidentemente. Nem você, acho. Nem a maioria, embora o resultado matemático da tragédia seja o mesmo.

Explicam os teóricos que aí se configura o confronto entre a razão e a emoção. Empurrar alguém coloca culpa (e sangue) nas nossas mãos. Azar dos cinco distraídos.

O dilema entre a razão e a emoção...3

Outro dia perguntaram a um conhecido apresentador de TV em quem ele votaria no segundo turno da eleição presidencial, caso os atuais candidatos favoritos permaneçam na disputa.

Ele disse que não votaria em nenhum dos dois. A entrevistadora, então, aplicou-lhe o dilema do

bonde, com uma imagem adaptada a esses tempos estranhos de Pátria Armada Brasil:

– Você tem uma arma na sua cabeça e vai ter que escolher entre esses dois.

A resposta do apresentador virou polêmica nacional:

– Pode atirar!

O dilema entre a razão e a emoção...4

Agora chega de hipótese, vamos para a realidade. Outubro se aproxima. O Brasil é um bonde desgovernado. O Maranhão também. Eu, você e milhões de outros brasileiros e/ou maranhenses, motorneiros momentâneos, logo estaremos diante da urna eletrônica. O que faremos?

Sei que muitos já escolheram o caminho e dele não se desviarão nem mesmo se aparecer uma multidão na frente. Outros talvez tenham que escolher o mal menor. Só espero que todos possamos tomar a nossa decisão serenamente, sem sobressaltos.

E sem empurrar nem ser empurrados para os trilhos.

O voto grisalho

Existe uma força política crescendo no Maranhão sem fazer barulho. Está em toda parte, aumenta de eleição para eleição e já representa mais de um quinto do eleitorado maranhense: são as pessoas com mais de 60 anos.

Durante muito tempo, esse segmento foi tratado pelo poder público como destinatário de

favores. Um banco na praça, uma fila preferencial, uma homenagem no mês de setembro. É pouco. E é também uma forma disfarçada de paternalismo e de preconceito. Pessoas maduras não precisam de condescendência. Precisam de cidades nas quais consigam viver com autonomia.

O voto grisalho...2

O Maranhão chegou ao ponto de inflexão demográfica. A projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indica que, em 2026, começou a queda no crescimento populacional do Estado. Ao mesmo tempo, a população envelhece. Essa combinação mudará quase tudo, mas um dos impactos mais visíveis estará na mobilidade urbana.

Será preciso rever o tempo dos semáforos, os locais de travessia, os degraus, o acesso aos ônibus, a altura das plataformas e a distância entre os pontos de transporte.

E, sobretudo, será preciso enfrentar o escândalo das calçadas de São Luís. Muitas delas são um atentado cotidiano contra idosos, pessoas com deficiência e qualquer cidadão com dificuldade de locomoção. Buracos, desníveis, pedras soltas e obstáculos transformam uma caminhada simples numa prova de risco.

O voto grisalho...3

Essas mudanças podem ser feitas por inteligência, planejamento e respeito. Ou serão impostas pela pressão política. Quando os maranhenses com mais de 60 anos perceberem que não formam um grupo frágil, mas uma potência eleitoral, a relação com prefeitos, governadores, presidentes, deputados e senadores mudará.

Quem entender isso antes poderá

melhorar as cidades e será reconhecido por isso.

Quem continuar tratando envelhecimento como assunto de assistência social, e não de infraestrutura, autonomia e cidadania, pagará nas urnas.

O voto grisalho ainda fala baixo. O futuro já começou a cobrar. Mas já tem força para varrer muita gente do mapa.

Agustina Bessa-Luís

Em visita a Portugal, no ano de 2022, acompanhei um plano de ação para a comemoração do centenário de nascimento de Agustina Bessa-Luís, nome literário de Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa (1922-2019), autora do celebrado romance A Sibila. O assunto mobilizou autarquias e universidades da região que a viu nascer.

A escritora, que tive o prazer de recepcionar em São Luís, com uma comitiva de escritores portugueses, entre os quais os saudosos Alçada Baptista e Vasco Graça Moura, no final do século passado e aqui autografou apenas três livros de dois leitores que tinham exemplares de sua obra – Jomar Moraes e este Repórter PH – viveu entre o Douro e o Porto, sempre com o olhar aberto para o mundo inteiro.

Agustina Bessa-Luís...2

Reconhecendo a dimensão nacional e internacional da sua obra literária, dezena e meia de instituições da região reclamavam a escritora, quando avistavam os cem anos do seu nascimento, como uma figura do Norte.

“A figura de Agustina vai para além do Norte, mas é aqui que ela tem as suas grandes referências. Mesmo se sempre foi maior do que os locais em que viveu – as casas, os rios, as praças, os jardins... –, é uma marca do Norte”, disse um professor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

(UTAD) Fontainhas Fernandes.

A Câmara de Amarante, terra natal da escritora, centralizou o programa, mas nunca definiram se ela era ou não uma figura do Norte.

Quando, em 2017, ela recebeu este Repórter PH durante uma visita à sua casa no Porto, não perdi tempo e lhe disse: “A senhora não é só uma figura do Norte, mas sim uma figura emblemática da literatura de língua portuguesa!”

Ela me deu um abraço e sorriu. O gesto teve sabor de despedida. Para sempre.

MEMÓRIA



Fotos/Reprodução

REGISTRO DO COMEÇO DOS ANOS 70 do século passado: o colunista cearense Lúcio Brasileiro (morreu em abril deste ano) com Solange e o jornalista e escritor Benedito Buzar, o governador Pedro Neiva de Santana (1907-1984) e Dona Eney Tavares Neiva de Santana (partiu aos 100 anos, em 2023) e o chefe do Cerimonial do seu governo, Fernando Lisboa (também já falecido), na primeira festa de gala de Carnaval realizada por este Repórter PH: o Baile dos Orixás, na antiga sede social do Litéro, na Praça João Lisboa

IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIA

A fotografia é a linguagem universal da memória e da emoção. As fotos eternizam instantes e transformam o passado em um espelho do presente. Cada registro se torna um documento vivo que nos conecta com quem fomos, com as nossas raízes familiares e com a nossa cultura.

As imagens – registradas em fotos ou filmes têm fortes vínculos com a memória e com a História. Elas constituem documentos importantes na construção da memória das

instituições.

O historiador francês Le Goff afirma que “a fotografia revoluciona a memória multiplicando e democratizando-a, dando uma precisão de verdade que permite guardar a memória do tempo e da sociedade”.

A preservação dessa memória é fundamental para o fortalecimento da pesquisa histórica, catalogação e divulgação necessárias para que as obras do nosso passado sobrevivam. Não apenas

guardadas em acervo, mas pelo contato renovado com um público que se espera cada vez mais amplo e, principalmente, pelo trabalho de análise a ser desenvolvido pelo pesquisador interessado em seus elementos históricos e estéticos.

Neste fim de semana inauguramos uma coluna batizada de “Memória”. Na qual, sempre que possível, iremos mostrar registro de momentos vividos e que a memória nunca apaga.trabalhos sociais.



OUTRO REGISTRO DE SOLANGE E BENEDITO BUZAR Chegando ao Restaurante BEM, para o Baile de Prata, e sendo recebidos pelo Repórter PH, anfitrião do emblemático evento de gala do Carnaval maranhense, no começo dos anos 1970



EM 1989, O ESCRITOR JOSUÉ MONTELLO (1917-2006) ao lado escritor Joaquim Itapary (1936-2024), sendo recebidos para um jantar em homenagem ao primeiro, pelo Repórter PH, em sua residência no Calhau

Conversas típicas de um feriado

Existem leitores que me consideram profundo. Outros, confuso. Uma ou outra mulher, graças a Vênus, considera o que escrevo maravilhoso. Suspeito de todos. Porque, no fundo, como bem disse Machado de Assis, o nascimento da crônica é coetâneo às primeiras duas vizinhas. Ou seja, a crônica, para o ilustre mulato, nasceu com a primeira conversa de vizinhas e é coisa de quem se dedica à fofoca (para a injúria das vizinhas), incluindo-se, segundo ele, o cronista anônimo que relatou, na Bíblia, as histórias de Esdras, Moisés, Abraão, Isaac e Noé.

Como não sou dado à fofoca – afirmção, aliás, que poucos acreditam –, direi nada sobre as minhas belas vizinhas, mesmo porque, num fim de semana, todos os leitores, os confusos e os mais profundos, têm um tempo à toa para duas ou três coisas profundas e confusas que tenho lido, visto ou vivenciado, coisas típicas de uma conversa de feriado:

1 Numa cena insólita de “Encontros e desencontros” (Lost in translation), filme de Sofia Coppola, o público nipônico de um hotel de luxo aplaude entusiasticamente a melosa cantora de língua inglesa, profundamente sensibilizados com a ternura com que ela termina sua canção.

Na verdade, nesse final exuberante, tudo o que ela cantou foi uma listagem de condimentos e de hortaliças, culminando, em inglês, na saborosa palavra tomilho. Algo assim como te amo, meu amor, alfavaca, salsinha,

chicória, tomilho. Ou seja, seu canto soava grego para a plateia de japoneses (mas Scarlett Johansson, no papel de Charlotte, não necessita tradução, porque a sua beleza não tem língua ou palavra que a diga).

Às vezes, no amor, nos perdemos na tradução do próprio sentir – eu falo numa língua em que ela não ouve, por exemplo, ou, perdidos um do outro, falamos uma língua que nunca existiu, ou ainda está por se inventar. Homem-mulher, mulher-mulher, homem-homem, todos perdidos na tradução de si mesmos, como eu e tu.

Por isso, o teórico alemão Hamann teve a inspiração de definir a fala em uma frase impressionante: “Falar é traduzir de uma língua angelical para uma língua humana”.

2 Li, não faz muito tempo, um volume de depoimentos 15 Escritores, de Fábio Brüggemann, com relatos confessionais enternecidos, desencantados, sábios, às vezes insolentes, em que não faltam os humaníssimos sentimentos da vaidade e da esperança.

Ao lado de Diálogos com a Literatura Brasileira, livro de entrevistas de Marco Vasques, o livro 15 Escritores ressuscita o milenar prazer da pinça, que é quando tocamos o íntimo da certeza alheia com a lâmina pontiaguda de nossas próprias interrogações.

No entanto, na arte da entrevista, nenhuma pergunta me soa mais tocante do que a de Martin Caparros, numa

entrevista feita com o romancista argentino Ricardo Piglia: Quem você ressuscitaria?

3 Todo aquele que, como eu, é noivo da catacumba das bibliotecas, na expressão de Octavio Paz, sabe o quanto o lugar de cada livro é uma questão filosófica das mais polêmicas.

Jorge Luis Borges foi mais enfático, ao dizer que a disposição dos livros numa estante é uma espécie de crítica literária.

Na minha casa, por exemplo, todos os Gabriel García Márquez estão próximos a livros de Mario Vargas Lhosa, Machado de Assis, Julio Cortazar e Pablo Neruda, por óbvias afinidades latino-americanas, e, logo adiante, Marcel Proust em busca do tempo perdido, Hemingway perguntando por quem os sinos dobram ou dando adeus às armas e o contista polonês que escrevia em idiche, Isaac Peretz, fazem a passagem para Kafka, José Saramago e Thomas Mann.

Ou seja, minha estante tem o mapa-múndi como bússola (eu só não sei que diabos faz, no chão, o Gonçalves Dias e o jacaré de madeira entalhado pelos índios Guajajaras ao lado do vinil de João do Vale e do copo de café semibebido).

Por outro lado, a censura é sempre crime hediondo e inafiançável, exceto quando proposta nas palavras espirituosas de Thomas Mann: “Deveria ser proibida a leitura dos livros bons, porque há os livros ótimos”.

Um livro ótimo? Cem Anos de Solidão. E revogam-se todas as disposições em contrário.

Sentido da promessa

O poema The Unending Gift, de Jorge Luís Borges, narra a circunstância do presente intemporal. Pintor prometeu quadro ao escritor. O poeta estava em New England quando soube da morte do artista. Sentiu Borges a tristeza de compreender que “somos como um sonho”, acrescentando que somente os deuses podem prometer, porque são imortais.

Quem pinta ou escreve faz promessas de permanência.

O poeta havia prefixado o espaço que a tela ocuparia na parede. Depois pensou que seria com o tempo uma coisa a mais se estivesse ali. A partir do momento em que percebeu que não mais o receberia, o quadro tornou-se alguma coisa ilimitada e incessante.

“Viverá e crescerá como uma música e estará comigo até o fim”, revela.

Borges achava que os homens podem também prometer porque existe algo de imortal na promessa.

O motivo da crise

Ser médico em três ou quatro hospitais localizados em grandes cidades é fácil. O difícil é exercer a medicina no interior do Estado. Ou na periferia do interior.

Sem qualquer recurso, os médicos são obrigados a trabalhar com o que não existe para dar solução aos

mais simples casos.

Nas situações complicadas, se a intervenção não der certo, o médico vai ser processado com uma bela ação de indenização e terá de desembolsar importância de que por certo não dispõe.

É por essas e outras que a crise está deflagrada e a discussão não sai da pauta.

Êxodo do Olho d’Água

Os que se derem ao trabalho de visitar o bairro do Olho d’Água, não terão dificuldade de ver como cresceu o número de pessoas que ali moram há muitos anos e que desejam transferir-se para outros lugares da cidade.

Nas ruas do bairro, as placas colocadas nas

residências são visíveis e não escondem a vontade dos proprietários de vender os imóveis a qualquer preço e urgente.

Esse é o estado de espírito reinante num bairro que outrora foi o preferido da elite maranhense, que para ali acorria atrás de

tranquilidade e do prazer de viver bem.

A insegurança que de uns tempos para cá domina o Olho d’Água, onde a criminalidade impera sem dó nem piedade, é a causa principal do êxodo rumo a outros bairros da cidade.

IN e OUT

1 Partindo do princípio que IN é a coisa bacana, e OUT, e cafona, vamos falar seriamente dessa brincadeira americana.

2 Por exemplo, toda música é IN, até mesmo a Marcha Fúnebre, agora, música de telefone é OUT.

3 Telefone de parede é IN, telefone em geral é

OUT, celular é outérrimo.

4 Jantar bem é IN, comer muito no almoço é OUT, além do mais, embarriga.

5 Ser educado é IN, fingir que é bem-educado é OUT, só verniz sem respaldo interior.

6 Quanto às contas, dinheiro vivo é IN, vale é

inérrimo, mas cartão de crédito é OUT.

7 Mulher tomando um drinque ou mesmo uma champanhota é IN, mulher falando alto é outérrimo.

8 E em termos jornalísticos, ler o PH é IN, dizer que não vê coluna social é OUT.

Felicidade é uma conquista

Simone de Beauvoir, filósofa, sobre a felicidade: “É uma conquista que requer liberdade e responsabilidade, e não algo que simplesmente acontece”.

Continuamos à espera que a felicidade chegue à nossa vida por si só, mas sem a liberdade de

pensamento não conseguiremos nem nos aproximar do bem-estar, é o que diz a filósofa Simone de Beauvoir.

Se parafrasearmos o pensamento de Beauvoir sobre a liberdade, a responsabilidade e a ação que se percebe nos seus livros e escritos, a filósofa

e autora do famoso livro “O Segundo Sexo” afirma que “a felicidade não é um estado passivo. É uma conquista que exige lucidez, responsabilidade e compromisso com a própria liberdade”.

A felicidade não chega por si só, precisa de nós para alcançá-la.

Mensagem de Clarice Lispector

“Há impossibilidade de ser além do que se é, no entanto eu me ultrapasso mesmo sem o delírio, sou mais do que eu, quase normalmente. Tenho um corpo e tudo que eu fizer é continuação de meu começo... A única verdade é que vivo. Sinceramente, eu vivo. Quem sou? Bem, isso já é demais...”

Fotos/Divulgação



O Repórter PH e Roseana Sarney com personagens da história do Maranhão que distribuíam produtos típicos na festa



O ex-presidente José Sarney e a filha Roseana com brincantes do Boi de Axixá e a líder da brincadeira, Leila Nava

“VAMOS FESTEJAR” NO CONVENTO DAS MERCÊS

O maior evento inspirado no folclore do bumba meu boi ocorre em São Luís do Maranhão durante o ciclo de São João, com ápice festivo em junho e eventos estendendo-se até o fim do mês de julho. A cidade se transforma em um grande palco para centenas de grupos de diferentes sotaques (matraca, zabumba, costa de mão, orquestra), Patrimônio Imaterial da Humanidade. As festividades tomam conta de diversos polos tradicionais, como a Praça Maria Aragão, o Centro Histórico e grandes arenas, onde o público celebra ao som dos pandeirões, matracas e toadas. A tradição mescla fé, teatro e dança,

contando a lenda do boi. Além dos arraiais convencionais, destacam-se eventos específicos que reverenciam a figura do boi: Festa de São Marçal: Ocorre anualmente no dia 30 de junho no bairro do João Paulo, em São Luís. É o maior encontro de "bois de matraca" do estado, onde dezenas de batalhões se reúnem para uma apoteótica apresentação coletiva ininterrupta. Cortejos Juninos: Eventos organizados pelo Governo do Estado que reúnem dezenas de grupos desfilando pelo Centro Histórico de São Luís. Temporada de Ensaios e Batismos: Começa em março e se intensifica em 23 de junho (véspera de São João), com

rituais tradicionais de batismo dos bois em terreiros e paróquias locais. No mês de julho, orquestrado pela atual deputada federal Roseana Sarney, acontece durante três fins de semana, o evento “Vamos Festejar”, com o selo da Fundação da Memória Republicana Brasileira e apoio cultural de grandes empresas maranhenses, no histórico Convento das Mercês, cuja construção, no Desterro, foi iniciada em 1654. Este ano, mais uma vez, de quinta-feira a domingo, os diferentes 'sotaques' do Bumba Meu Boi se misturam e encantam o público maranhense e turistas que visitam este Estado. E cujo encerramento será neste domingo, dia 26,



Amaro Santana Leite e Ana Lucia Albuquerque com o modelo Rodrigo Alencar



O Repórter PH com o ex-presidente José Sarney



Amaro Santana Leite ouvindo José Sarney falar sobre o folclore maranhense



Teresa Martins e Maria Luiza Azevedo Miranda



Carla Duque, Pedrinho e Pedro Guimarães Salgueiro com Teresa Martins



Ana Cristina Maranhão, Maria Luiza e Ricardo Miranda

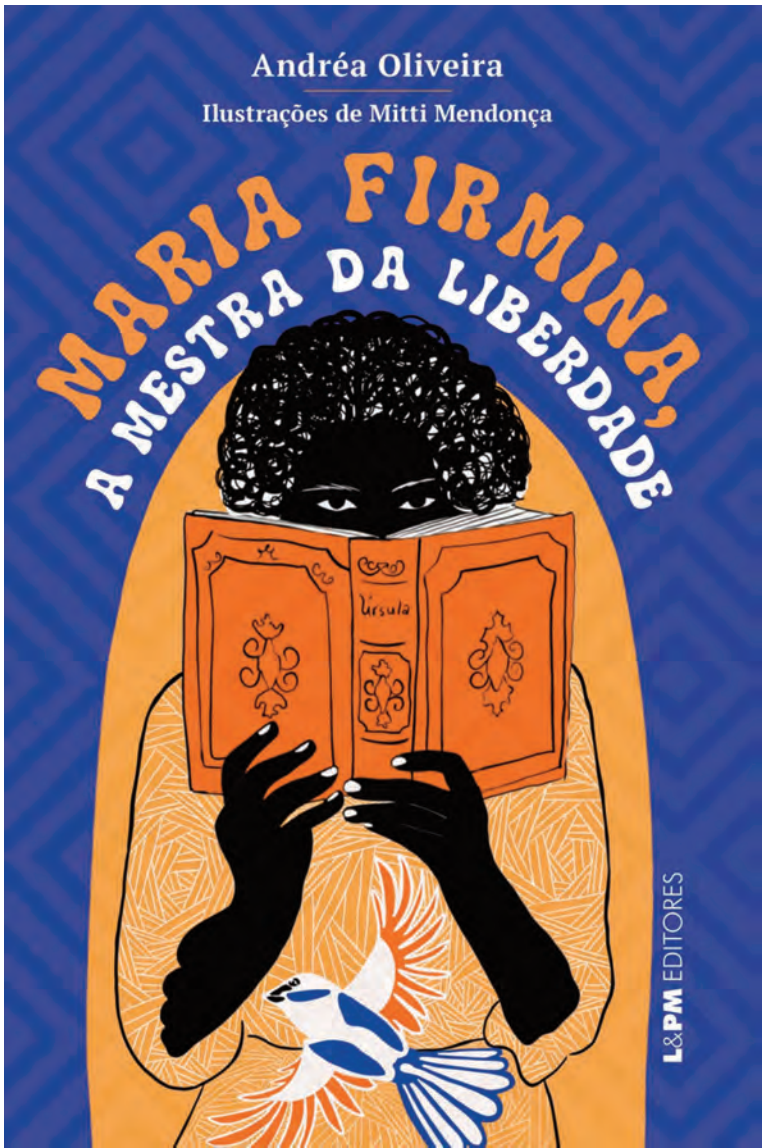


O modelo maranhense Rodrigo Alencar com Dijé e Clarisse (da Companhia Pão com Ovo)



O Top DJ e modelo Sérgio Balata no clima da festa

MERGULHO NO NOVO LIVRO DE ANDRÉA OLIVEIRA



O livro é um bom mergulho, não importa se de peito ou de cabeça. Abrir um bom livro é inaugurar uma travessia, por-se ao mar como o capitão de um navio cujo plano de navegação é um segredo – que só será aberto em alto mar.

Mesmo que esta rota acabe frustrando o navegante, a viagem terá valido a nova parceria: imagens e histórias concebidas por uma cabeça, ganhando vida na imaginação de outra. Um leitor é também um escritor, que reescreve o mesmo livro, com sua maneira própria de pintar a vida ali esboçada, como um rascunho a espera de outro autor. Pirandello?

Assim é se lhe parece: um livro pode ser bom ou mau, o leitor é que será o juiz, reescrevendo-o segundo o seu tribunal único e privado. Esse júri singular será tão condescendente quanto Cervantes, que disse não haver “livro tão mal que não tenha algo de bom”. Ou tão inclemente quanto Millôr Fernandes, nosso filósofo do bom e do mau humor:

- Nunca li um livro que justificasse a orelha.
- Era um daqueles livros que, quando a gente larga, não consegue mais pegar...
- Fiquemos entre Cervantes e Millôr: um livro será sempre bom enquanto prender nossa atenção e nos der prazer, ainda que essa sensação varie de leitor para leitor, de juiz para juiz.

Começar essa viagem é encontrar-se com aventuras tão fascinantes quanto as de Alberto Manguel (Uma História da Leitura), que começou a ler “por acidente”, alugando seus olhos a ninguém menos que Jorge Luís Borges, o alquimista das Ficções. Foi essa “bóia” que manteve El brujo navegando.

Navegando com Fernando Pessoa (ler é sempre preciso) ou com Vinicius de Moraes, dois transatlânticos líricos, o leitor logo descobrirá que o livro é o maior amigo. É o verdadeiro cachorro encadernado.

Para saber que prazer sensorial ou estético emanará dessa viagem, o leitor precisa visitar a biografia romanceada “Maria Firmina, a mestra da liberdade”, de Andrea Oliveira, com ilustrações de Mitti Mendonça.

O Brasil e o Maranhão, por seus programas de massificação da leitura, como inestimável veículo de cultura, estão se entregando ao desafio de ampliar os horizontes dos jovens passageiros que chegam. Sabe-se, hoje, que o livro sobreviverá ao mundo digital, e que se prepara para viver o seu sexto século, desde que a Bíblia de Gutenberg foi impressa em Mainz, Alemanha, no ano de 1450.

O novo livro de Andrea Oliveira resgata a trajetória revolucionária de Maria Firmina dos Reis, de forma romanceada e acessível para leitores do Ensino Fundamental II e do Ensino

Médio. A obra resgata a história de uma mulher que enfrentou o racismo e o machismo por meio da educação, da literatura e da resistência.

Neta de uma mulher escravizada trazida da África, Maria Firmina cresceu em uma família matriarcal e, mesmo sem acesso à educação formal, tornou-se autodidata graças à dedicação e aos livros. Pioneira em diversas áreas, foi a primeira mulher aprovada em concurso público no Maranhão para o cargo de professora e fundou a primeira escola mista do Brasil.

A narrativa também destaca sua importância para a cultura popular maranhense, organizando festejos comunitários e criando letras para manifestações tradicionais, como as músicas do ciclo do bumba meu boi.

Com ilustrações da artista plástica gaúcha Mitti Mendonça, cuja obra é marcada pela ancestralidade africana, o livro traz reproduções fac-símiles da primeira edição de Úrsula e de jornais maranhenses publicados após a abolição da escravatura. A capa faz referência à invisibilidade histórica sofrida pela autora, já que não existem registros conhecidos de seu rosto.

Redescoberta pela historiografia a partir dos anos 70 do século passado, Maria Firmina se tornou um símbolo da luta pela liberdade e pela valorização da cultura negra no Brasil.

Arquivo



Andréa Oliveira



Reprodução

ADEUS AO SAXOFONISTA DE A PANTERA COR-DE-ROSA

A cena musical perdeu no dia 15 de julho, o saxofonista norte-americano Plas Johnson, conhecido mundialmente pelo solo icônico no tema do filme “A Pantera Cor-de-Rosa”. Ele morreu aos 94 anos em Los Angeles.

Plas Johnson, que aplaudiu numa noite memorável em Los Angeles, na primavera de 1991, tocou com um sem número de notáveis, de Ella Fitzgerald aos Beach Boys. O seu maior legado, porém, chegou em 1963, com o inesquecível saxofone no tema de Henry Mancini para o filme de Blake Edwards.

Era a representação perfeita do músico de estúdio, hábil nas mais diversas linguagens musicais, preparado para tocar em qualquer contexto, a qualquer hora. Num dia era chamado para participar na gravação do genérico de um programa televisivo, no seguinte estava a trabalhar em estúdio com os Beach Boys ou com Frank Sinatra. À noite descansava, ou seja, subia ao palco de um pequeno clube para, ao lado de um combo reduzido, se entregar à sua criatividade sem freio, madrugada adentro.

Plas Johnson, apesar do trabalho nos bastidores, por norma anônimo aos olhos do grande público, alcançou a imortalidade. Podíamos não

conhecer o seu nome, mas sabíamos perfeitamente quem era. Recorda-se da melodia e do solo de saxofone em Pantera Cor-de-Rosa? Claro que sim. Pois bem, era ele.

O músico nasceu em 21 de julho de 1931 em Donaldsonville, nas proximidades de Nova Orleans, no seio de uma família de músicos. O pai tocava saxofone, como ele viria a tocar, a mãe era pianista e cantora, o irmão mais velho também tocava piano, a irmã mais nova era cantora como a mãe.

A sua formação fez-se na fértil cena musical de Nova Orleans, moldando a sua capacidade para se adaptar sem dificuldade ao swing, ao rhythm'n'blues, ao blues, ao dixieland, ao jazz e, nesse espectro em particular, ao então florescente bebop. Quando, nos anos 1950, se muda para o coração do entretenimento norte-americano, Los Angeles, estava preparado.

A sessão começou cedo, às 8 da manhã de um frio dia de inverno, recorda o New York Times no obituário que dedica ao músico. Plas Johnson fora convocado porque Henry Mancini, o lendário, über cool compositor de bandas sonoras para cinema e televisão, já o conhecia de outras sessões. Haviām trabalhado juntos na

série policial Peter Gunn, estreada em 1958 e cuja banda sonora se tornaria, no ano seguinte, o primeiro Disco do Ano na história dos Grammy.

Mancini recorreu novamente a Plas Johnson para o tema que compusera para A Pantera Cor-de-Rosa, o filme de Blake Edwards, Peter Sellers na inesquecível pele do Inspector Clouseau. Plas gravou a frase melódica que todos conhecemos, no arranque do tema, gravou o solo, regressou à frase inicial. Dois minutos e quarenta segundos de duração.

“Julgo que fizemos apenas dois takes”, recordou o saxofonista em 2007, citado agora pelo New York Times. “Quando terminamos, todo mundo aplaudiu, até os músicos da seção de cordas. E isso é dizer muito. Eles nunca aplaudem nada”, brincou Johnson.

Plas Johnson foi um músico de carreira longa, acompanhou um sem número de nomes lendários, como Frank Sinatra, Nat King Cole, Ella Fitzgerald, Barbra Streisand, Elton John, Frank Zappa, Marvin Gaye ou Dr. John. Tocando com mestria, além do saxofone, flauta e clarinete, integrou o grupo de músicos que registou o genérico da série televisiva The Monkees, onde emergiria a banda homônima, ícone da década de 1960.

Fim de semana sem Copa

1 Já virou vício, dois jogos todos os dias no começo da Copa, até quatro. Depois das emoções de sexta e sábado, o domingo parece opaco, sol ausente, sem festa.

Até parece a São Luís do fim de siècle 19. Ainda que fosse verão, o banho de mar não frequentava os hábitos da família desterrense, pois se enquadrava nas Posturas como “um autêntico atentado ao pudor”.

Uma vez ou outra havia na praça alguma pobre companhia teatral, apresentando peças de chorar e de rir, principalmente de chorar de tédio. Frequência limitada aos mais abonados, pois o espetáculo exigia a presença de gente mais arrumada, de gravata e de sapatos.

A salvação eram os circos populares ou as companhias de variedades, com seus bichinhos amestrados e suas pulgas trapezistas.

“O circo é que era do povo”, registrou mestre Erasmo Dias.

Era da gente de pé no chão e da gente sem paletó. Da gente que não sabia ler, que ia para ver as novidades de fora. Circo de um mastro só, de lona rasgada, de bancadas de pau, onde havia os palhaços que faziam rir, os acrobatas que provocavam o suspense, na barra fixa, no trapézio e em outros aparelhos. As moças de coxas de fora, montadas como homem nos cavalos domados

– coisas que eram de deixar a plateia delirante.

2 Em 1862, São Luís recebeu a visita de uma revista de variedades, o vaudeville de um artista italiano de nome Poccozzi Stephano. O “empresário” apresentava no Largo do Carmo um “Salão Paraíso”, exibindo como atração 40 ratos amestrados.

Gabava-se o tal “promoter” de possuir os roedores mais famosos do mundo, “40 ratos de origem indiana, japonesa, americana e brasileira”, trupe que já fizera sucesso “em todas as capitais da Europa e do Brasil, apreciada inclusive pelos reis dom Vítor Emanuel da Itália e dom Pedro II do Brasil”.

O “Salão Paraíso” era um sucesso, segundo os jornais da época. Juntava gente para ver as ratazanas – supõe-se que em tardes de domingo sem sol.

E havia ainda, “num armazém da Praia Grande”, no centro histórico da cidade, o inenarrável show de um anão “que tocava pistão e sapateava, a 500 réis por pessoa”, embora não faltassem vizinhos que pagassem o triplo para o anão sumir, se escafeder.

3 Galinhas, ratos, gatos e anões. Valia tudo para preencher uma tarde de tédio – fosse período de chuva ou verão. Banho de mar era atentado ao pudor. Já anões sapateadores...

PESSOA. UMA BIOGRAFIA

Sabedor de minha admiração pela obra de Fernando Pessoa, meu amigo Carlos Moura ofereceu-me a monumental biografia do poeta português, escrita por Richard Zenith.

Tenho pela frente uma grande empreitada – a biografia possui 1200 páginas. Se eu fosse de beber vinho fora das refeições, teria de fazer como Pessoa e ir intercalando a leitura com umas idas Grand Cru, para beber uma taça.

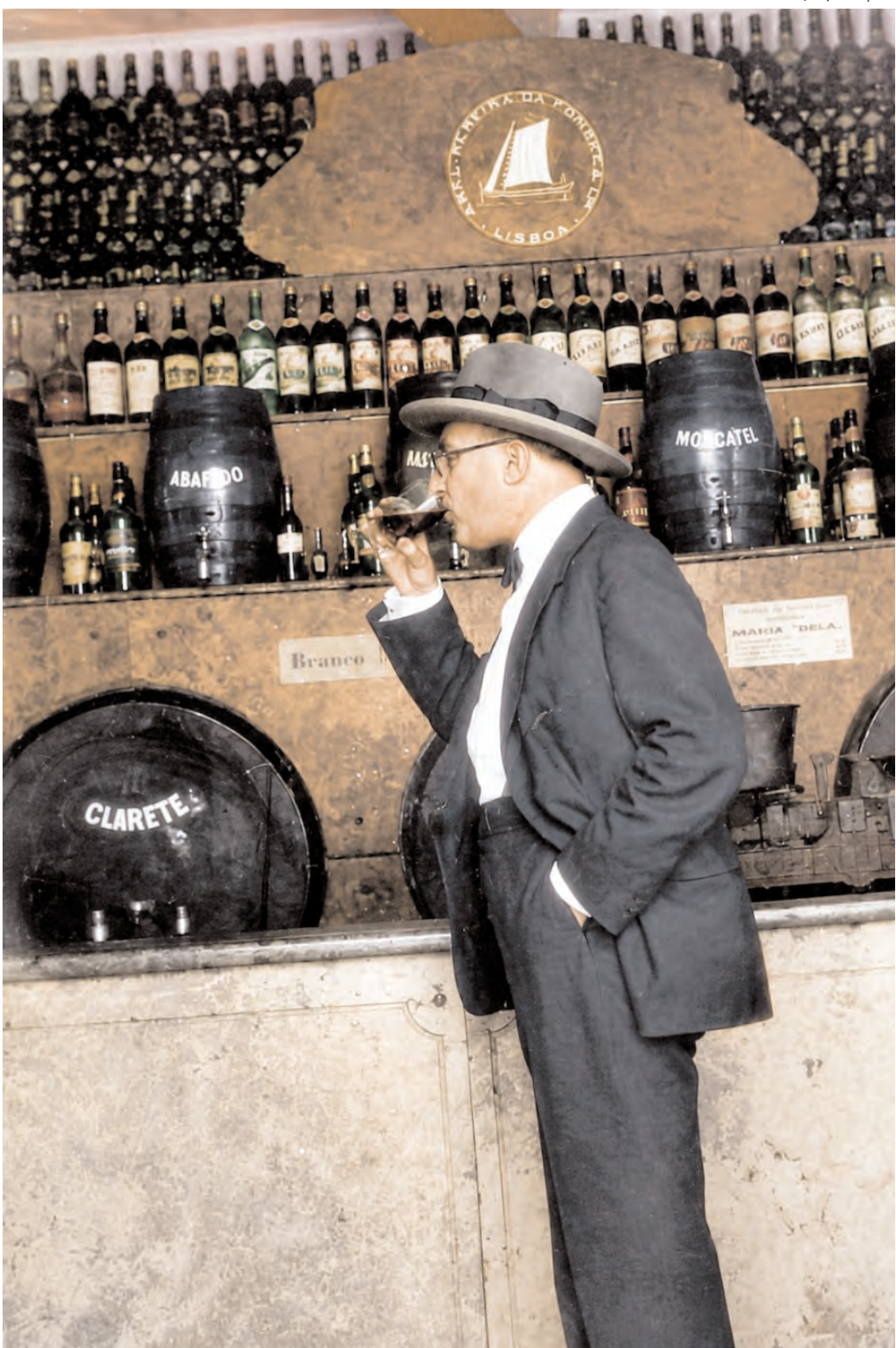
Fernando Pessoa tinha três vícios assumidos: tabaco, café e álcool. Era um bebedor, mas não consta que fosse de perder a compostura. Andava sempre impecavelmente vestido. A bebida podia ajudá-lo nos seus pensamentos, mas, pelo que se conhece, também não fez do vinho tema de reflexão e de escrita, como aconteceu, por exemplo, com o persa Omar Khayyam ((1048-1131), de quem Pessoa era leitor e admirador.

A sua relação com o álcool é abordada fugazmente nesta biografia. Sobre a causa da sua morte, que alguns anteriores biógrafos assumiram ter sido cirrose hepática, Richard Zenith avança com uma outra hipótese, até porque Pessoa não apresentava sintomas dessa doença. Inclina-se mais para a possibilidade de ter morrido devido a uma obstrução intestinal, como consta no registo de óbito, ou então de pancreatite aguda, “resultante do muito álcool que bebia” e porque deu entrada no hospital com fortes dores abdominais.

O gosto de Fernando Pessoa pelo álcool ficou bem documentado numa célebre fotografia em que aparece bebendo diante de um balcão de um estabelecimento da distribuidora de vinhos Abel Pereira da Fonseca, o tal que, à beira da morte, teria dito aos filhos: “Não se esqueçam de que até das uvas se faz vinho”. O poeta trabalhava ali próximo (como escritor de cartas comerciais), na Moitinha de Almeida Limitada, uma empresa de importações e exportações, e era costume, durante a tarde, levantar-se várias vezes e anunciar aos colegas “vou ao Abel”. Em cada ida “ao Abel” bebia pelo menos uma taça de vinho ou aguardente. Um dia, conta Richard Zenith, “foi lá tantas vezes que o filho do patrão, um aluno do liceu que se encontrava frequentemente no escritório durante as férias escolares, teve a temeridade de comentar: ‘O senhor aguenta como uma esponja?’”. Como uma esponja?, ripostou, Pessoa. ‘Como uma loja de esponjas, com armazém anexo’”.

A célebre fotografia foi tirada por Martins da Hora, um publicitário para quem Fernando Pessoa também trabalhou. Um dia, o próprio Pessoa deu um exemplar assinado dessa fotografia a Carlos Queiroz, seu grande admirador e o mais novo do grupo de tertulianos que costumavam acompanhar o poeta no café Martinho da Arcada. Carlos Queiroz era sobrinho de Ofélia, a mulher que nove anos antes quase foi namorada do poeta. Carlos Queiroz acabou por mostrar a foto à tia e esta, ainda apaixonada por Pessoa, pediu ao sobrinho que lhe pedisse uma cópia. “Mas não digas que é para mim.” Carlos Queiroz acedeu e Fernando Pessoa percebeu logo a origem do pedido: “É para a Ofélia, não é?”. O poeta entregou-lhe a fotografia com a famosa e genial dedicatória: “Fernando Pessoa, em flagrante delito”.

Tão famoso só mesmo o



Fernando Pessoa em flagrante delito e o chamamento das origens

slogan que Pessoa criou para a Moitinha de Almeida Limitada, importadora da Coca-Cola em Portugal: “No primeiro dia: Estranha-se. No quinto dia: Entranha-se”. A campanha, iniciada nos primeiros dias de julho de 1927, há quase cem anos, portanto, teve o seu êxito, mas a importação da bebida acabou por ser embargada poucos meses depois pelo governo português. Inicialmente, por suspeitas de conter cocaína. Quando as autoridades americanas pediram explicações, lembrando que os próprios testes realizados em Portugal concluíam que a bebida não continha cocaína, o diretor-geral de saúde, conta Richard Zenith, argumentou que a Coca-Cola “ou continha vestígios difíceis de detectar de cocaína, que era uma substância ilegal, ou não continha cocaína nenhuma, o que correspondia a publicidade enganosa”. Para rematar, o diretor-geral citou o slogan criado por Fernando Pessoa, apresentando-o como um inaceitável “convite ao vício”. Apesar das pressões americanas, a Coca-Cola só voltou a ser vendida em Portugal em 1977, cinquenta anos depois, já com o país vivendo em democracia.

A mais completa e inovadora biografia de Fernando Pessoa, escrita por Richard Zenith, simula de anos de trabalho e estudo sobre o poeta, publicada em língua portuguesa, que representava a “pátria” de Pessoa

O LIVRO FOI ESCRITO EM INGLÊS

O livro “Pessoa. Uma biografia”, originalmente publicado em inglês, é a história de vida de Fernando Pessoa, contada ao longo de mais de



Fernando Pessoa caminhando no centro de Lisboa

mil páginas, incluindo imagens, pelo escritor e tradutor norte-americano Richard Zenith, que há décadas se dedica a estudar Fernando Pessoa e que mergulhou durante 13 anos na empreitada de reconstituir a sua vida, praticamente a partir da obra.

“A minha pátria é a língua portuguesa”, escreveu Fernando Pessoa, que viveu vários anos em Durban, África do Sul, e escreveu bastante em inglês, a mesma língua em que foi publicada a primeira versão desta biografia, que foi finalista do Prémio Pulitzer.

A versão em língua portuguesa chegou às livrarias, editada pela Quetzal e traduzida por Salvato Teles de Menezes e Vasco Teles de Menezes.

Numa apresentação à imprensa, Richard Zenith falou da dificuldade de conhecer a vida pessoal do poeta, sempre muito reservado e solitário, e da forma como a sua obra se constituiu a principal fonte de investigação, por ser muito autobiográfica.

“Nunca tinha escrito uma biografia, então era uma aprendizagem, como o fazer. Só reunir todos os fatos já era bom. Mas depois relacionar as várias facetas da vida, de modo a revelar quem era Fernando Pessoa e mergulhar em toda a história, os lugares onde viveu e fazer disso um livro, contar uma história, a história de uma vida”, afirmou.

No final, sente que ficou conhecendo bastante Fernando Pessoa, mas reconhece que o poeta “ficará sempre um mistério”.

“No início do processo de escrita, tinha dificuldade em entrar. Ele frequentava tertúlias nos cafés, mas era solitário. Era social, tinha amigos, tinha também senso de humor, mas era reservado. Onde se revela é na escrita literária, só que aí era um fingidor muitas vezes. Tive que proceder cautelosamente para encontrar Pessoa lá”, contou.

O processo de escrita foi “muito difícil”, confessa, contando que inicialmente pensou escrever na primeira pessoa, como se “Pessoa, em espírito, no Além, estivesse a lembrar a sua vida”, mas acabou por perceber que não resultava.

Ao longo deste processo de escrita, a relação de Richard Zenith com Pessoa é como a de um “psicanalista, que ouve, ouve, ouve...”

“Eu senti-me nesse papel com Fernando Pessoa, mergulhando nos seus papéis, na sua obra, para tentar entrar. Tentei pôr lá os elementos todos, para que os leitores conseguissem sentir Fernando Pessoa e ter a experiência de convivência”, contou.

Uma das maiores dificuldades com que se deparou foi o interesse do poeta pelos assuntos espirituais, que era um tema importante para Fernando Pessoa.

“Então mergulhei muito nisso, para entender o assunto, e nessa zona do mundo de Fernando Pessoa há muitos inéditos, apontamentos muito misturados, mas que para um pesquisador faz sentido. Entrando nesse labirinto de textos, para perceber se acreditava ou não, e em quê, porque Fernando Pessoa nunca está quieto”.

Por isso, todos esses assuntos esotéricos e de religião foram “um grande desafio, sentir o que representava para Fernando Pessoa e porquê, porque são assuntos bastante técnicos”, acrescentou.

Além da obra, que foi a principal fonte de pesquisa do biógrafo, Zenith recorreu ao espólio do autor de “Mensagem”, que continha diversas notas do cotidiano, como dinheiro que devia, encontros marcados, papéis dos tempos em que viveu em Durban – durante a infância e adolescência, período em que o padraсто trabalhou nessa cidade como cônsul português –, ou cartas inéditas, nomeadamente da mãe, ou do dono de uma mercearia na Rua Coelho da Rocha, onde “Fernando Pessoa comprou muitas coisas, incluindo aguardente”.

Outra fonte fundamental para este trabalho foram cartas escritas por um tio a Fernando Pessoa quando este tinha 8 anos.

O tio Cunha e a mulher, a tia Maria, não tiveram filhos e como adoravam Fernando Pessoa, praticamente adotaram-no, especialmente após a morte do pai (quando tinha 5 anos).

Fernando Pessoa passava muitos fins de semana em Pedrouços, em casa dos tios, e o tio Cunha “tinha essas brincadeiras com Fernando Pessoa, de inventar personagens, que depois ficavam, como numa telenovela”, e este jogo dos ‘alter egos’ terá sido o início da criação do mundo imaginário de Pessoa, povoado por, pelo menos, 47 identidades em que Fernando Pessoa se multiplicou, incluindo os três heterônimos plenamente desenvolvidos – Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis –, indexados no início da biografia.

Esta obra monumental, que conta um total de 1.184 páginas, é a mais completa sobre o poeta.

Relativamente às novidades que a sua biografia introduz, Richard Zenith aponta uma série de dados sobre a infância e juventude do poeta, dando “um retrato completamente novo sobre essa fase” da sua vida, todo o trabalho de contextualização, nomeadamente do tempo e dos lugares onde viveu, aspetos relacionados com o interesse de Fernando Pessoa nos assuntos espirituais e alguns novos dados sobre a sua sexualidade.

Richard Zenith nasceu em Washington D.C. em 1956 e foi para Portugal em 1987, com o objetivo de traduzir cantigas trovadorescas. Foi nessa época que descobriu o “Livro do Desassossego”, publicado pela primeira vez em 1982 pela Ática.

Como tinha vivido no Brasil e aprendido português, e percebendo que não havia nenhuma tradução dessa obra para inglês, montou um projeto e traduziu-a na íntegra.

Foi por volta de 2003, quando organizou uma edição especial de “Escritos autobiográficos automáticos”, na qual Fernando Pessoa estava em contato com espíritos e escrevia quase sempre em inglês, que começou a pensar realmente na biografia.

“Foi o meu agente literário em Nova York que me empurrou para esta biografia. Achei que era dois ou três anos e que era um livro de 160 mil palavras. Acabou em 360 mil, nunca imaginei”, disse.

“Relativamente desconhecido em vida, Pessoa parecia destinado ao esquecimento literário quando o arco da sua vida após a morte se curvou, de maneira súbita e improvável, em direção à grandeza, com a descoberta de 25 mil documentos inéditos num grande baú de madeira. Baseando-se neste vasto arquivo de fontes, bem como em cartas familiares nunca publicadas, e astutamente colocando a vida do poeta contra as correntes nacionalistas da história europeia do século XX, Zenith por fim revela as verdadeiras profundezas da fértil imaginação de Pessoa e o seu génio literário”, pode-se ler na sinopse da obra publicada pela Liveright.

A editora norte-americana recordou que “da mesma forma que o Nobel José Saramago trouxe um único heterônimo à vida em ‘O Ano da Morte de Ricardo Reis’, Zenith traça as histórias de praticamente todas as personalidades imaginadas de Pessoa, demonstrando como eram projeções, ‘spin-offs’ ou metamorfoses do próprio Pessoa”.

Fotos/Reprodução



FRANSOUFER MOSTRA SUA ARTE EM BRASÍLIA

A exposição celebra mais de cinco décadas de trajetória de um dos principais nomes da arte figurativa brasileira.

Brasília receberá, entre os dias 3 e 21 de agosto, a exposição “Arte no Quadrado”, mostra individual do artista plástico e escultor maranhense Fransoufer, que celebra seus 51 anos de carreira.

A exposição será realizada no Espaço Cultural Desembargador Federal Murat Valadares, na sede do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF1), reunindo obras que traduzem a riqueza da cultura popular brasileira e a trajetória de um dos mais reconhecidos representantes da arte figurativa contemporânea.

A abertura oficial está marcada para o dia 3 de agosto, às 15h, com a presença de autoridades, artistas, representantes do meio cultural e convidados.

Mais do que uma retrospectiva, “Arte no Quadrado” marca um reencontro simbólico entre Fransoufer e Brasília, cidade que teve papel decisivo em sua formação artística. Foi na Capital Federal, ainda aos 17 anos, que o artista aprofundou seus estudos, participou de importantes exposições e iniciou uma trajetória que o levaria ao reconhecimento nacional e internacional.

A mostra reúne pinturas inéditas e trabalhos emblemáticos que revelam o universo criativo do artista. Seus personagens de traços marcantes, olhos em forma de losango e cores vibrantes conduzem o visitante por narrativas inspiradas na cultura maranhense, no folclore nordestino, na religiosidade popular, na natureza e na identidade cultural de Brasília.

Fransoufer-exposição
Natural de Bequimão (MA), Francisco Sousa Ferreira, conhecido artisticamente como Fransoufer, construiu uma carreira pautada pela valorização das raízes brasileiras. Desde 1975 participa de exposições individuais e coletivas em instituições culturais e galerias



no Brasil e no exterior. Ao longo dessas cinco décadas, suas obras passaram por espaços como Banco Central, Fundação Cultural de Brasília, Superior Tribunal de Justiça, Senado Federal, Câmara Legislativa do Distrito Federal, além de galerias em Portugal, Bélgica, Inglaterra e outros países.

A curadoria é assinada pelo jornalista e curador de arte Mário Palma, diretor da Academia Latino-Americana de Arte (ALA) e parecerista do Ministério da Cultura.

Segundo ele, a exposição propõe uma reflexão sobre a identidade brasileira ao transformar memória, pertencimento e cultura popular em linguagem artística universal.

Além de celebrar a trajetória de Fransoufer, “Arte no Quadrado” reforça o papel dos espaços públicos na democratização do acesso à cultura e evidencia o compromisso institucional do TRF1 com a valorização das artes e da diversidade cultural brasileira.

Entre rendeiras, pregoeiras, personagens religiosos, figuras femininas, referências à Justiça, manifestações populares, pássaros, flores e paisagens afetivas, o público será convidado a revisitar suas próprias raízes por meio da arte, em uma exposição que homenageia a memória, dialoga com o presente e reafirma a cultura como patrimônio vivo do Brasil.





SIMONE MENEZES SE DESTACA EM EVENTOS DE EMPREENDEDORISMO E FARMÁCIA DE MANIPULAÇÃO EM SÃO PAULO

A empresária Simone Menezes, referência maranhense no segmento de farmácias de manipulação e mentora de mulheres empreendedoras, foi destaque em dois importantes eventos realizados neste mês de julho em São Paulo.

Ela participou do lançamento do livro 'A Essência do Pulsar', do qual é coautora. A obra reúne histórias e experiências

de mulheres empreendedoras de diferentes regiões do país. Em seu capítulo, Simone compartilha sua trajetória de superação e como transformou um dos momentos mais desafiadores de sua vida em uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Durante a passagem pela capital paulista, Simone também integrou a

programação do Consulfarma 2026, considerado o maior congresso de farmácia de manipulação da América Latina, realizado no Distrito Anhembi.

Na ocasião, ela ministrou a palestra "Os 3 passos para se tornar uma farmácia referência", apresentando estratégias voltadas ao fortalecimento e ao posicionamento de empresas do setor.



FELIPE FERNANDES DESTACA QUE VENDER É REDUZIR A DISTÂNCIA ENTRE EMPRESA E CLIENTE

O empresário e consultor Felipe Fernandes conta que, ao estruturar a RendMais Investimentos, acreditava ter uma excelente oportunidade no mercado de construção civil. No entanto, mesmo apresentando uma proposta que considerava sólida, percebia que muitas pessoas demonstravam interesse, mas não avançavam na decisão de investir.

Com o tempo, Felipe percebeu que o problema não estava necessariamente na qualidade da ideia, mas na distância entre o que ele conhecia

sobre o produto e o nível de conhecimento do cliente. A partir dos conceitos apresentados pelo publicitário americano Eugene Schwartz, ele passou a compreender que cada consumidor está em um estágio diferente de consciência sobre seus problemas e possíveis soluções.

Para o empresário, muitas empresas cometem o erro de tentar vender diretamente para quem já sabe exatamente o que quer, entrando em uma disputa acirrada com os concorrentes e, muitas vezes, reduzindo a

competição ao preço. Felipe defende que existe uma grande oportunidade em educar o público, mostrar problemas e apresentar soluções antes de fazer uma oferta. "Antes de elevar o nível de consciência do cliente, o empresário precisa elevar o próprio", resume.

Para Felipe Fernandes, vender bem tem menos a ver com convencer e mais com reduzir a distância entre o que a empresa sabe e o que o cliente ainda precisa compreender. Quando essa conexão acontece, muitas vezes, a decisão de compra surge naturalmente.



Beto Soares e Werter Bandeira apresentam novos vinhos chilenos da linha "Vinhos Amigos"

NOVOS VINHOS CHILENOS CELEBRAM AMIZADE E BOA GASTRONOMIA

A Villa do Vinho Bistrô acaba de receber a linha "Vinhos Amigos", composta por quatro rótulos chilenos produzidos no tradicional Vale do Maule e importados pela Hannover.

Com nomes que remetem à amizade e aos vínculos construídos à mesa, a coleção reúne diferentes combinações de uvas, como

Chardonnay, Sauvignon Blanc, Cabernet Sauvignon, Merlot e Carménère. "Além de saborosos, remetem às histórias de amizades", explica o empresário e proprietário da Villa do Vinho, Werter Bandeira.

Entre os destaques estão o branco Teresa & Alberto, o tinto Telmo & Ruth, o Ruben & Flora e o Lorenzo & Gaspar Gran Reserva

2022, que apresenta maior complexidade e combina com carnes nobres e pratos de longa cocção.

A novidade reforça a proposta da Villa do Vinho de renovar constantemente sua carta e oferecer ao público maranhense rótulos que unem qualidade, gastronomia e bons momentos ao redor da mesa.

Andrea Melo e a odontóloga maranhense Valmari Cêris, especialista em bruxismo, durante o Congresso Internacional BruxCon 2026, em São Paulo



VALMARI CERIS PARTICIPA DO BRUXCON 2026

A odontóloga maranhense Dra. Valmari Ceris, especialista em bruxismo, participou do BruxCon 2026, congresso internacional realizado em São Paulo, que reuniu especialistas para discutir avanços no diagnóstico e tratamento do bruxismo, ronco e apneia obstrutiva do sono.

Para Valmari, a abordagem multidisciplinar é fundamental para oferecer tratamentos mais completos e eficazes. "Cuidar do paciente significa olhar além dos dentes, compreendendo a pessoa em sua totalidade", destaca.